



N.º 47 - LISBOA, 3 DE DEZEMBRO

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREGIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

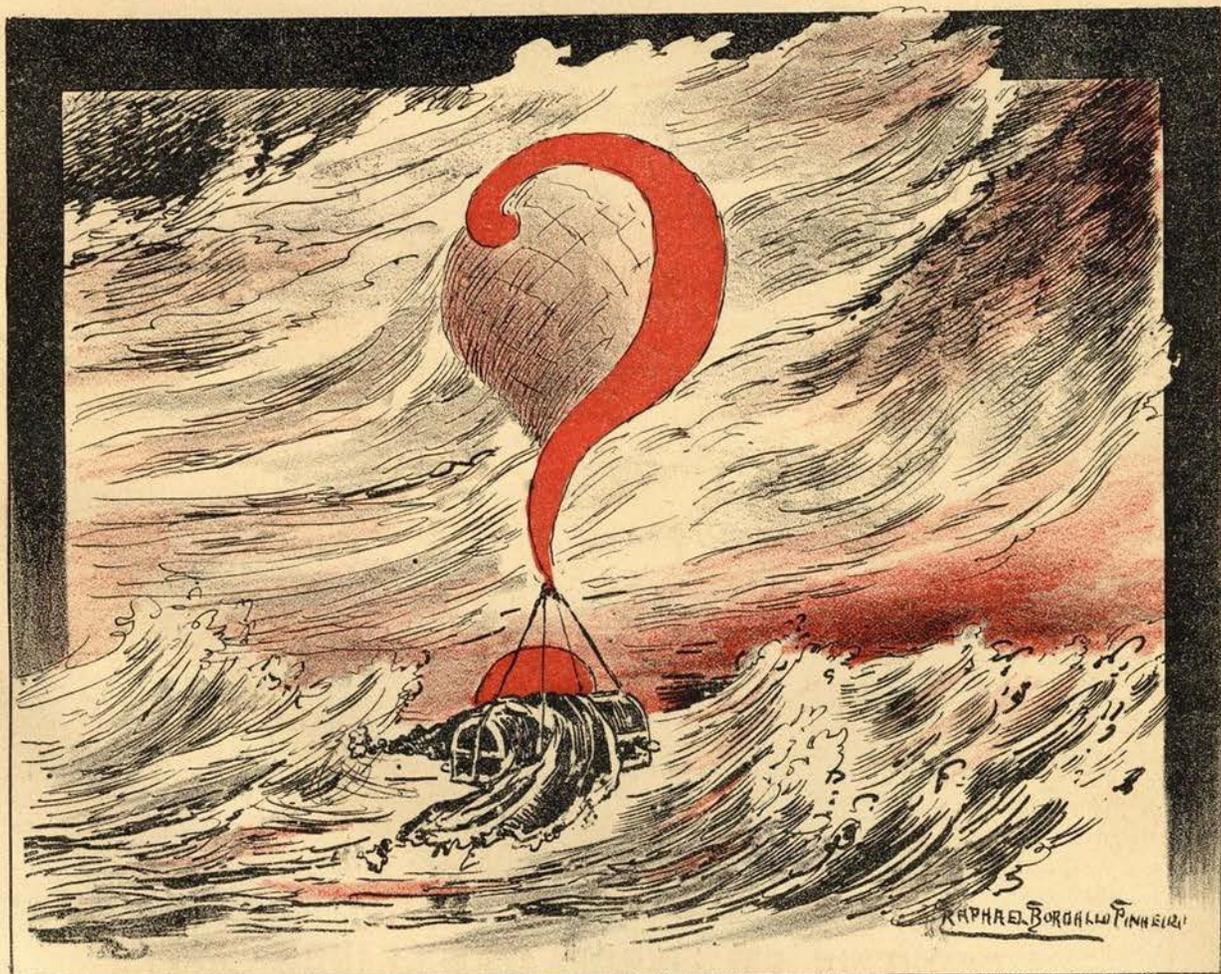
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua de Almada, 32 e 34

O BALÃO



Terrivel ponto de interrogação

EVA



Uma nova princeza acaba, a exemplo da princeza Luiza da Saxonia, de abandonar o seu palacio para se ligar não sabemos se a título provisorio, se a longa vida, com um individuo que não é da sua condição e que algumas agencias telegraphicas affirmam ser um cocheiro, bastante menos mythologico do que Phaeton e certamente menos bello que Apollo, que é um typo de belleza e que, como se sabe, tambem era cocheiro, pois guiava o carro do Sol no tempo em que este astro benefico não desempenhava ainda as suas funções de centro do nosso systema planetario; e justamente succede que um jornal, verificando esta «serenissima» escapade, francamente a applaude, como sendo um acto de direivincação moral que pôde affectar os preconceitos da velha sociedade, mas que está rigorosamente d'accordo com os preceitos da moderna Philosophia.

Sem de nenhuma maneira querer entrar em controversias que não estariam no programma de um periodico como este, cuja função social simplesmente consiste em fazer rir e passar adiante, seja-nos permitido formular algumas objecções não diremos já aos preceitos da nova Philosophia, que em muitos pontos applaudimos, lamentando apenas que elles não estejam convertidos em lei, mas ao louvor concedido em seu nome á princeza fugida ao nobiliario e ao protocolo para os braços tão pouco nobres e tão resumidamente protocolares do seu cocheiro.

O caso é este.

Nós somos, como toda a gente, como o sr. Dias Ferreira, como o sr. Augusto Fuschini, como o mesmo sr. Hintze Ribeiro, profundamente democratas e não ignoramos que o século é essencialmente egualitario e nivelador.

E' certo que a Revolução, de que somos os netos, apenas proclamou a egualdade juridica, tendo-se prudentemente abtido de proclamar a egualdade de condições; mas nós não queremos fazer finca-pé n'este argumento de simples vantagem discursiva e admittimos para desembaraçar o caminho — com a egualdade juridica, a egualdade de condições.

Não ha princezas de sangue.

Não ha cocheiros de praça.

Ha apenas unidades, na natureza e na sociedade.

Perfeitamente.

Posto isto, nós sustentamos que na

sua marcha ascendente para a Perfeição, o genero humano não caminha para a liberdade, mas para a disciplina e que toda a moral que procure legitimamente servil-o, longe de ser desaffogada e passa-culpas, deve logicamente ser intolerante e escravizadora.

O homem procura cada vez mais resgatar-se do instincto. Pela alma elle já occupa um logar superior na escala animal. Pelo corpo, ainda não.

Entre a alma e o corpo trava-se n'este momento uma batalha tão grande como a que se travou na Edade-Media entre Deus e o Diabo.

Certamente nos perguntarão — onde?

Essa batalha — devemos reconhecer-o — não se trava nos gabinetes reservados do Café de Paris, ou no quarto de cama de Emilienne d'Alençon.

Essa batalha trava-se nas consciencias.

Procura-se, não ha duvida, atingir a perfeição moral, não com o engodo no reino abstracto do ceu, mas para a real formação de um reino concreto e humano em que as creaturas por uma vez se entendam, se amem e sejam felizes; e a conquista d'esse reino remoto — eis o que os factos nos dizem — não se fará pelo dominio do instincto, mas pela soberania da razão.

Ora, a princeza real a quem temos a alta honra de nos referir — é o Instincto.

O seu caso não se nobilita por nenhuma allegação attendivel na ordem moral: nem um marido intratavel, nem um vehemente amor.

D'um lado estava a tradição da sua casa, o orgulho da sua ascendencia, a historia dos seus brazões, o nobiliario, o Almanach de Gotha, o seu sangue azul, o seu *panache* — isto é, a Alma.

Do outro lado, estava o cocheiro — isto é o Corpo.

Optando pelo cocheiro, a princeza Alice não deu exemplo que possa ser invocado por nenhuma philosophia, a não ser, já se vê, pela philosophia da Thereza Philosophia.

Quer isto dizer que nós outros, ainda tão imperfeitamente constituídos em sociedade perfeita, severamente condemnemos todos os actos humanos que não se inspirem no desejo de a aperfeiçoar pela espiritualidade?

Seguramente, não! Mas o que nós podemos fazer, sem fazer cair a sociedade na desorientação, é applaudir em nome de uma moral perfeita precisamente aquelles actos que mais accusam imperfeição.

A. princeza Alice não significa Pro-

gresso, mas Retrocesso.

Ella não reivindica coisa alguma nova, mas uma coisa velhissima.

Ella não se chama — Liberdade.

Chama-se — Eva.

JOÃO RIMANSO.

Post-Scriptum

Depois de escriptas estas linhas, as agencias telegraphicas rectificaram que o cocheiro a quem se referiam as primeiras informações concernentes á princeza Alice, seria apenas um intermediario entre esta e um titular italiano, seu verdadeiro escolhido.

Para não sairmos da mythologia, — o cocheiro em questão não seria Phaeton: seria Mercurio.

Não importa!

Que a princeza Alice se tenha extraviado com um cocheiro de praça, ou com o conde de Luna, eis o que é perfeitamente indifferente á natureza dos raciocinios que tivemos o gosto de expender.

A princeza, demais, não nos interessa além dos indiscretos limites de uma picante anedocta. — O que tão sómente nos interessa é a Philosophia em virtude da qual ella nos apparece transformada — carne fragil de mulher — na forte structura de um principio.

Nós não somos reaccionarios. Ao contrario, nós procuramos seguir na piugada do Progresso, adoptando com enthusiasmo e pressa as suas transformações, as suas invocações, as suas modas, as suas manias e os seus casacos de abafar.

Nós illuminamos a Bico Auer; nós não somos republicanos; nós somos anarchistas e nós somos deputados da maioria; nós damos o cavaco por Champagne e mulheres e nós somos infinitamente tristes; nós applaudimos Ibsen; nós adoramos Verlaine; nós detestamos Hugo, Lamartine, o pae Michelet, Musset e toda a cambada romantica; nós temos vinte annos e nós estamos cheios de desillusões; nós temos um livro de versos e nós temos uma peça para o D. Amelia; nós não temos talento nenhum e nós temos uma casaca do Amieiro. Finalmente, nós deixamos crescer o cabelo e nós bebemos agua de Vidago.

N'uma palavra — nós vamos com o Progresso. Mas se é certo que vamos com elle, nem por isso renunciamos, a — uma ou outra vez — puchar-lhe pela aba da sobrecasaca e perguntar-lhe para onde vac.

J. R.



Tres commissarios régios**e um pesadelo**

Os jornaes assustaram-n'os a semana passada com esta noticia: o governo vae crear logares de commissarios régios junto... dos hoteis.

Duvidamos.

As extravagancias da administração publica conduzem ás vezes a estes desvarios de imaginação.

A opinião publica vê commissarios régios em toda a parte, como a anciedade publica, na ultima semana, viu balões.

Mas eis que veem outros jornaes e nos dizem:

«Os commissarios régios são tres: um em Lisboa, outro no Porto, outro em Coimbra. Para esta ultima cidade já está indigitado o genro do sr. Pereira Dias, reitor da Universidade».

Isto passou-se assim.

Subitamente tivemos a impressão de que estavamos no palco da Trindade. Tinha-se levantado o panno e nós no nosso logar, nos côros, vestidos de cortezãos, viamos a sala cheia na penumbra e esperavamos o signal da batuta do maestro. Era o Del Negro e a sua calva lustrosa luzia sobre a caixa do ponto como uma bola de bilhar. Representava-se uma opereta: do nome não nos lembramos. Não era a *Mascotte*, nem os *Sinos*. Era talvez a *Perichole*, ou a *Grã Duqueza*, e estava em scena (a scena figurava a sala de um palacio) o sr. Hintze Ribeiro, vestido de Rei, sentado n'uma cadeira pintada que tinha servido na *Viagem á roda do mundo*, tendo na cabeça uma corôa de papel, toda á banda sobreo chinô e na mão direita um sceptro que largava tinta nos dedos.

O acto abriu por um côro—o côro dos synonymos. Nós estavamos nos tenores e por detraz dos soprânos, que vestiam á côrte, decotadas do sacro até ao umbigo e com as costellas á mostra.

De repente, estavamos nós muito esganiçados a cantar, entraram ao mesmo tempo pela porta do fundo a Amelia Barros e a Pepa, todas de branco, a tropeçar nas saias e a fazer um alarido infernal. Percebemos que a Amelia Barros se chamava a *Receita* e a Pepa a *Despeza*, que não se podiam vêr uma á outra e que ambas eram amantes do sr. Hintze Ribeiro, quer dizer do Rei.

O sr. Hintze levantou-se e as duas mulheres que se iam a pegar, separaram-se, uma para a esquerda, outra para a direita baixa.

O côro, entretanto, dizia a surpresa que lhe causava este escandalo e o sr. Hintze Ribeiro, que não tinha voz nenhuma, apaziguava a compasso, deitando o rabo do olho para a batuta do Del Negro.

Mas a *Receita* acudiu, ciumenta da Pepa, increpou-lhe os diamantes e os commissarios régios. Então o sr. Hintze, desafinando e já fóra do compasso, prometeu-lhe um imposto novo, *signé* Leitão.

Estrugiu uma salva de palmas. Da sala disseram *bis! bis!* O Del Negro bateu com a batuta, o sr. Hintze deu um ponta-pé na estante do ponto e repetiu um *couplet*; e a Amelia Barros, que não socegava batendo com o leque fechado na palma da mão, correu então para elle, deu-lhe um encontrão que lhe fez rolar a corôa até á ribalta e desaparecendo pela porta do fundo, reapareceu immediatamente após com tres commissarios régios espavoridos.

Eram tres principes magnificos, todos vestidos de sêda e cheios de fitas e laçarotes. Cada um d'elles trazia um guardanapo na gola e um palito nos dentes. A' sua entrada, a batuta do Del Negro poz-se a tremer sobre a orchestra. Houve um cheio de metaes e bumbo e a Amelia Barros, pondo as mãos na cinta e indicando os tres figurões, bufou com ira:— Ora aqui está porque eu ando na espinha! ao mesmo tempo que a Pepa, passando-lhe á frente, dizia com descaro, mostrando uma anca soberba:— Sim senhor! Tenho muito gosto! São os meus commissarios de hoteis: os *Irmãos Unidos*, o *Ribatejano*, o *Quatro Nações*.

Como um só homem, a sala poz-se a applaudir, o Del Negro passou a mão pela calva, regosijado, e o sr. Hintze Ribeiro, apanhando o manto, fez um gesto ao côro para que sahisse.

Nós escoamos-nos lentamente, fomos esperar a entrada para os bastidores.

E foi assim que veridicamente vimos os tres novos commissarios régios.

**Soneto que parece triste**

Grande coisa é morrer! Entrar na cova,
Dispensando os serviços do canteiro;
Sem ter um epitaphio patranheiro
Que diga— *Aqui jaz Zé, pimpão na trova!*

Desejo ir para a valla, onde se encova
O grande artista ao lado do aguadeiro;
Não quero que reporter linguareiro
Da minha morte espalhe a inutil nova.

Quero que alguns amigos dedicados
(Que os achei entre os meus fados adversos)
Digam ligeiramente contristados:

—«Descança quem jámais foi dos perversos:
Por castigo de estúpidos peccados
Levou a vida inteira a fazer versos!»

**Serviços funebres ferro-viarios**

L. Mano, collaborador do *Diario de Noticias*, escreve um artigo muito criterioso a respeito do pouco caso que em Portugal se faz dos grandes vultos que desaparecem nas sombras da eternidade, emquanto não decorre o tempo bastante para que esqueçam as muitas invejas e os muitos despeitos que elles haviam semeado em vida, por cada triumpho que ganhavam.

E d'aqui tira o illustre articulista variadas conclusões, sendo uma d'ellas a seguinte: que Luiz de Camões, o Marquez de Pombal e Affonso de Albuquerque, por já se terem passado alguns seculos depois que elles viveram, são hoje considerados mortos de primeira classe; ao passo que Herculano, Garrett, Oliveira Martins, são ainda considerados mortos de segunda classe...

Atendendo a esta flagrante e injusta desigualdade, a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes vae estabelecer um serviço regular de comboios mixtos para a Posteridade— para que haja mortos de todas as classes!

**Noticias animadoras**

Dizem os jornaes affectos ao Governo que as propostas que o Sr. Ministro da Fazenda tenciona apresentar ás Côrtes logo no começo da sessão parlamentar, comquanto não sejam de character radical, formam comtudo um largo plano.

Respeitam essas propostas á contribuição de registo, industrial, sumptuaria, e de renda de casas, imposto de rendimento, sêllo e moeda de nickel; e todas ellas tendem a obter augmento de receita.

Os mesmos jornaes accrescentam: «Consta-nos que o Sr. Ministro da Fazenda tem já relatores para todas estas propostas».

Quer dizer: está organizada a quadrilha!



A CAMPANHA



OS HERDEIROS DOS PASSOS. =

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O PRIMEIRO FERIDO

«Os homens políticos não andam com sorte. Deu-lhes o pecco. As constituições mais robustas são abaladas nos seus fundamentos. De subito, os mais solidos colossos de saúde sentem-se fraquejar. A medicina interveem então a interpor o seu veto contra tantos artigos escriptos sob uma impulsão febril, contra as dezenas de cartas enviadas todos os dias sobre os assumptos mais variados, contra a agitação cerebral, que não descança um momento, nem mesmo através dos somnos mal dormidos, contra os embates e conflictos em que se retesam todas as cordas do pensamento e do coração, acabando por estalarem muitas d'ellas. Chegou a vez ao sr. José Maria de Alpoim, que era um colosso de vigor e de saúde».

Das Novidades de 27.

O balão

— «Bem se vê que o Belchior e os seus companheiros da aventura não tinham andado nunca mettidos na politica...» dizia hontem, na Arcada, um politico a outro politico.

— «Porquê?»

— «Porque não faziam caso dos balões de ensaio.»

**Foguetes e mijaretos**

Appareceu Eduardo,
Rei dos aliados velhos;
Estalou muito petardo,
E, apesar do fado pardo,
Brilhámos como uns espelhos.

Da terra dos mata-toiros
Apparece o rei distincto;
Vae haver arcos de loiros
Para gloria dos vindoiros
E do Jayme Costa Pinto.

Se vier rei da moirama,
Com certeza o luzo affecto
Os seus feitos inflamma...
Até de laureis se enrama
A loja do Gato Preto.

Se com todos os seus luxos
Vier cá o rei da China,
Além de varios debuxos,
Teremos de vêr repuxos
Até no Alto do Pina!

Se vier o rei de Bengala,
Seguindo um systema logico
De luxo que nos regala,
Talvez se vistam de gala
Os macacos do Zoologico.

Veio cá o grande Ulysses
Ensinar sabedoria;
Deu cabo das camelices...
Mas não venceu brejeirices
No cimo da Cotovia!...

Ou eu'tsou asno profundo
(E Deus me livre de tal!)
Ou todos os reis do mundo
Vêm almoçar ao Dáfundo
Para honra de Portugal!

Parabens aos fados dêmos!
O paiz é de fartura!...
Se tantos amigos vemos,
E' que o pão, que nós cá temos,
Nem todo é de serradura.

GALHARDO.

**As classes altas**

A noticia de que uma princeza fugira com o seu cocheiro alarmou as classes do bom-tom. Achou-se o caso impertinente e estranho.

Tambem nós achamos o caso muito estranho.

Não por ter a princeza fugido com o cocheiro; mas por ter fugido só com o cocheiro.

O natural era que fugisse com o cocheiro — e com o trintanario.

**Um episodio alegre**

As irmãs Suggia andaram cumprimentando algumas das nossas redacções de jornaes antes de partirem para o Porto, e agradecendo, como pessoas bem creadas, os justos elogios que aqui lhes fez a imprensa.

Foram tambem á redacção do *Correio Nacional*.

O porteiro perguntou-lhes o que desejavam, e quem eram; e foi participa-lo ao Doutor Mendes Lages:

— «Estão ali duas irmãs que desejam falar com um dos senhores da redacção...»

— «Mas irmãs de que especie: hospitaleiras, contemplativas, ou quê?» perguntou o Doutor.

— «Isso agora é que eu não sei... explicava então o porteiro.— Vêm ambas á paisna!»

**Fazer oolheres**

Appareceu agora nas livrarias um opusculo que tem este titulo: *O que é, e o que deve vir a ser o sargento*.

Muito tempo é o que se perde com coisas inteiramente inuteis.

Pois o sargento o que é?

Sargento!

E o que deve vir a ser?

... Alferes!

**Ultimo recurso**

Minha sogra, atroz mulher,
Natural de Lava-rabos,
Teima tanto no viver
Que é incapaz de morrer
A' força de mil diabos!...

Quatro indigestões de ervilhas
Já ferrei á minha sogra;
Dei-lhe veneno em pastilhas...
E passa ás mil maravilhas,
Saude perfeita logra!...



Bons sapatos ella usava;
E fui pôr tachas nos dois
A vêr se ella escorregava,
Se sobre as pedras tombava,
Quebrando a pinha depois!...

Em aziaga sexta-feira
Levei-a até ao Dáfundo,
A vêr se uma bebedeira
Me faria a milagreira
De a levar p'ra o outro mundo!...



Mettia-a em danças modernas,
Dançadas em mil quintaes
Ao som de modinhas ternas,
P'ra que ella quebrasse as pernas,
Se não podesse ser mais!...

De viver nunca se farta,
A ser eterna se atreve
A senhora D. Martha!...
Não ha um raio que a parta
Nem um diabo que a leve!...

Tanto este caso me rala
Que até já ando azuloio,
Tartamudeio na fala...
E resolvi ensina-la
A passear no comboio!...

P'ra que de riso me espoje,
Esmagada como a rá
A negra vida lhe fogue...
E, se não morrer inda hoje,
Morre decerto ámanhá!

VENANCIO.



A desforra

O *Correio Nacional* emprehendeu, na semana passada, uma pequena campanha contra a memoria de Eça de Queiroz, começando por afirmar que o romancista da *Reliquia* se limitara, em toda a sua obra, a descobrir e a apregoar as miserias e pusulas da sociedade em que viveu.

Esta campanha é attribuida, com algum fundamento, ao Reverendo Padre Amaro, que é hoje, como se sabe, um dos esteios do Partido Nacionalista, e collaborador assiduo do *Correio Nacional*.



Prova de muito amor

Na loja do meu barbeiro
Hontem informado fui
De que todo o aguadeiro
Aprende a tocar pandeiro
Com um maestro de Tuy.

Que esses senhores de chancas
Com pezadissimas solas,
Vão dar exercicio ás ancas,
Vestindo camisas brancas,
Dançando com castanholas.

Que lá desde Rilhafolles
Té á rua da Bombarda,
Vibrada por mãos não moles,
A linda gaita de folles
Vae soltar hymnos em barda.

Que a casa do Gargamello,
De flores ornando a meza,
Fazendo festa de estalo...
Um bodo de arroz de gallo
Dará a toda a pobreza.

Que todos vistam collete
Com bandas feitas de rico
De côr equal ao barrete...
E que nenhum faça frete
De pau e corda e chinguço.

Que lá na Ribeira Nova,
Onde o peixe se salpica,
Haja dança, ao som da trova,
Capaz de metter na cova
A propria Dança da Bica.

Que possa o rei tomar notas
Na carteira toda bella,
De que os grandes patriotas
São os filhos das devotas
De Tuy e de Redondella!

.....
Será um festejo bello,
Prova de entranhado amor...
Mas eu peço mais—appello
Pra que não falte o *Frascueto*
E um toureiro matador!

MALAQUIAS.



Emfim!

Descobriu-se um meio de combater a doença do somno.
Estamos selvos!

O Bonus Universal

Depois dos *signé Leitão*, apparecem agora nas *corbeilles* de noiva os *signé Abreu* e os *signé Cunha*.

Applaudimos.
Somente, entendemos que este verdadeiro regimen de protecção ao commercio deve estender-se a todo o genero de estabelecimentos. Será grato, por exemplo, lêr d'ora avante:

Do primo do noivo—uma caixa de collarinhos de ida e volta, *signé Pita*.

Da prima da noiva—uma duzia de lenços de assoar, *signé Lopes Sequiera & C.^a*

Do seu creado Pedro—um kilo de passas de Corinto, *signé Jeronymo Martins & Filho*.

Da sua creada Augusta—um bouquet de flores, *signé Praça da Figueira*.

E assim de seguida.
D'esta fórma, os interesses do commercio ficariam para todo o sempre vinculados aos interesses do Hymneo, e os negociantes de Lisboa poderiam então annunciar—o *Bonus Universal*.



Uma expedição... lyrica

Os jornaes publicam o seguinte telegramma:

Genova, 27—Acaba de partir para Lisboa, o paquete *Roon*, da Nord-deutscher Lloyd (carreira do Oriente) que conduz a companhia do theatro de S. Carlos.

Não parece uma companhia lyrica.
Parece uma expedição.



O cumulo da pintura

Pintar uma paisagem na tēla da discussão.



Demasiada inspecção

O Governo vae augmentar as funcções publicas, creando alguns novos funcionarios que terão a designação de—inspectores de hoteis.

Mas o que tem o Estado a inspecção nos hoteis?

Sim, diga-nos! O que tem o Estado a inspecção no Hotel Moniz—por exemplo?



CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia
José Nunes dos Santos
Su cessor de MANUEL DA SILVA
N.º telephónico 220—Endereço telegraphico Papetytypo
PAPELARIA TYPOGRAPHIA
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.
Trabalhos typographicos em todos os generos
Impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.
Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

Ouivesaria e Relojoaria
com officina annexa
de fabrico e concertos
FLORINDO
Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

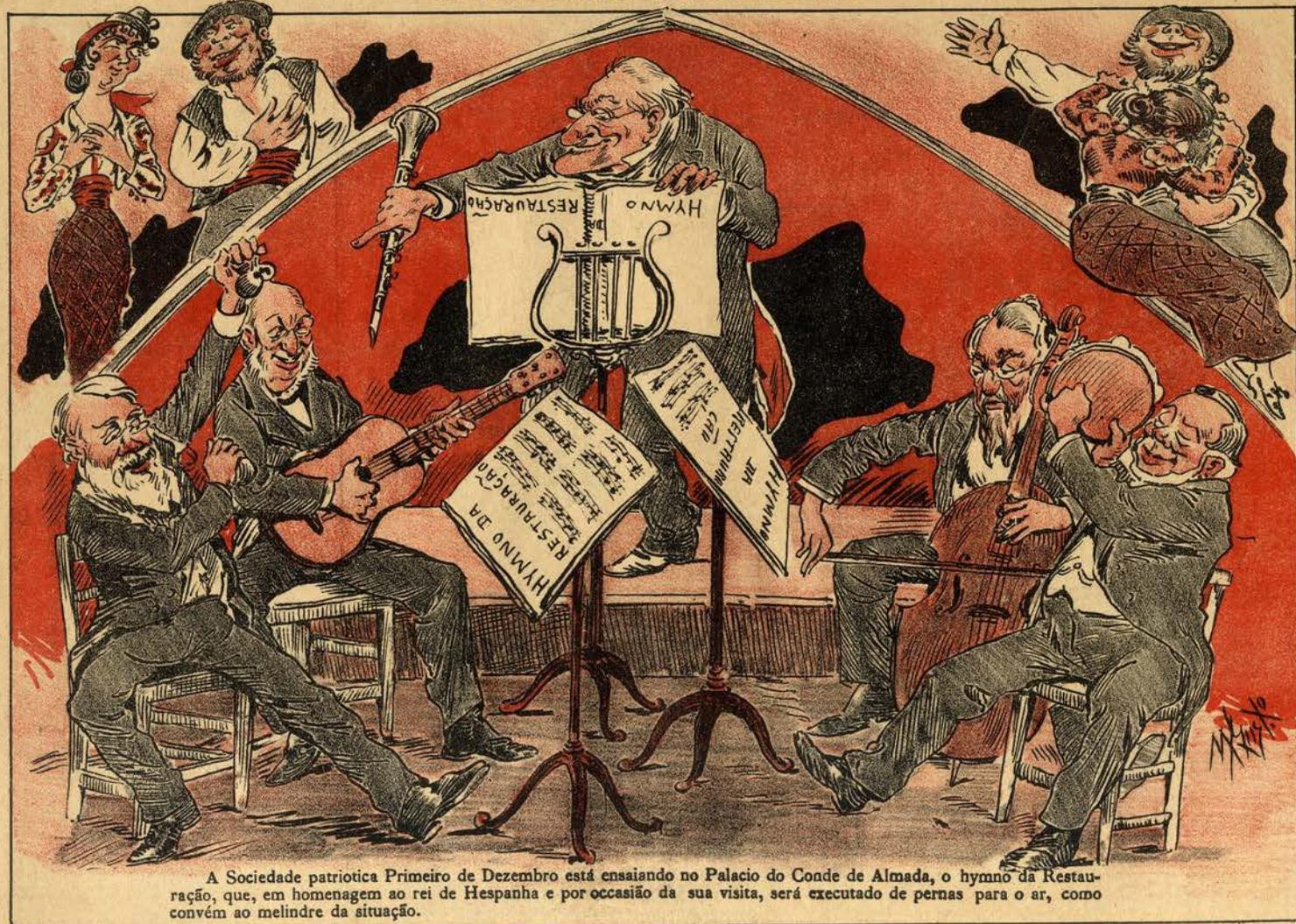
CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel
Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.
Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

ENCADERNAÇÃO
Simple e de luxo, cartongens, dourados em fitas para cordas e em toda a qualidade de pelles. Casa prentada em diversas exposições.
Paulino Ferrelra
126, Rua Nova da Trindade, 132

Callista
pedicuro
JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.º
(Frente para o Chiado)
EXTRACÇÃO de callos e Edesencratamento de unhas pelos mais moderno processo até hoje conhecidos.
Pede-se ao publico que visite este consulto para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.
Das 9 ás 5 da tarde

POR 600 RÉIS
Ser photographo!
Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.
Pede catalogo illustrado, Capas para a encadernação de *Parodia*, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.
Alves & Ferrelra
220, Rua Augusta, 222

PUEBLOS HERMANOS



A Sociedade patriótica Primeiro de Dezembro está ensaiando no Palacio do Conde de Almada, o hymno da Restauração, que, em homenagem ao rei de Hespanha e por ocasião da sua visita, será executado de pernas para o ar, como convém ao melindre da situação.